

Festival Itinerante de Percussão

2 Set 2023
18:00 Sala 2

especial 2023

Mário Teixeira direção musical

Miquel Bernat [ESMAE/IPP]

Eduardo Cardinho [UA]

Pedro Carneiro [ESML/IPL]

Bruno Costa [ESART/IPOB]

João Dias [UM]

Marco Fernandes [UÉ]

Miguel Herrera [Metropolitana]

1.ª PARTE

Rita Torres

MSTRG – TRLD (2020; c.12min)*

João Pedro Oliveira

Pulsar (2018; c.15min)**

2.ª PARTE

João Carlos Pinto

MUSIC FOR PERCUSSION (2020; c.15min)*

Cândido Lima

HOQUETUS — tambores de Maio (2020; c.15min)*

*estreia absoluta; encomenda da Arte no Tempo, financiada pela DGArtes.

**encomenda da Arte no Tempo, financiada pela DGArtes.

Rita Torres

LISBOA, 1977

Na origem desta peça estão outras três de minha autoria: *MSTRG*, para um percussionista (2008-2009, rev. 2010/2014); *Mostrengo-Interlude*, para sistema de difusão 5.1 (2008); *SMPG*, para seis percussionistas (2005-2008, rev. 2009).

Mostrengo-Interlude e *MSTRG* fazem ambas uso do poema de Pessoa *O Mostrengo* (do livro *Mensagem*). A primeira contrapõe duas leituras muito distintas do poema (pelos actores João Villaret e Luís Miguel Cintra); a segunda segue a sequência dos versos do poema, fazendo corresponder os diferentes personagens (narrador, mostrengo e homem do leme) a sons produzidos por diferentes materiais (madeira, metal e pele, respectivamente), bem como certos fonemas a determinados instrumentos.

MSTRG-TRLD segue a estrutura das leituras em *Mostrengo-Interlude*, fazendo uso do material musical de *MSTRG*, que então é executado duas vezes. Cada percussionista, com excepção do percussionista ao centro, executa individualmente o material correspondente aos versos de um dos três personagens (no que respeita ao mostrengo, tanto a estrutura das leituras como o material foram usados mais livremente). Os instrumentos que em geral os acompanham correspondem aos do personagem que está a ser referido (por exemplo, quando o narrador se refere ao homem do leme, o acompanhamento é produzido por peles). Uma parte do material e das ideias dos acompanhamentos provém de *SMPG* (esta peça é uma tentativa de transcrição da minha peça *Shaking Mendeleev in the Presence of a Guitar* [2004-2005] para sistema de difusão 5.1 que, por sua vez, foi usada em parte em *Mostrengo-Interlude* para dialogar com as leituras e comentá-las, realçando os momentos de tensão do poema).

MSTRG-TRLD é uma encomenda da associação Arte no Tempo para a terceira edição do Festival Itinerante de Percussão.

RITA TORRES

João Pedro Oliveira

LISBOA, 1959

Pulsares são estrelas que, em virtude de seu intenso campo magnético, produzem um certo tipo de energia electromagnética. Com a rotação do pulsar, o campo magnético acelera certas partículas sub-atómicas, provocando uma emissão de radiação que, ao ser observada de certo ângulo, se apresenta como uma energia pulsante.

Esta obra foi inspirada neste fenómeno da astrofísica e utiliza certas técnicas de repetição frásica e sobreposição de texturas, derivadas do gamelão do Bali. Ciclos de notas repetem-se e sobrepoem-se em ritmos e velocidades diferentes, levando à formação de texturas granulares, percorrendo todo o espectro sonoro, e que se apresentam auditivamente como sendo “pulsantes”.

Pulsar resulta de uma encomenda da Arte no Tempo.

JOÃO PEDRO OLIVEIRA

João Carlos Pinto

BRAGA, 1998

Esta obra foi escrita durante o primeiro confinamento em Portugal associado à COVID-19, em Março 2020.

É uma obra sobre nada, sem qualquer intenção programática que não seja a música a respirar por ela própria — sem conceito.

O processo de composição assemelhou-se a um *sound painting*, mas em diferido — com uma grande folha em branco à frente e várias canetas de cor entre os dedos, fui pintando o que queria ouvir.

Rapidamente tornou-se claro que esta seria uma obra que viveria do gesto, de texturas e da abordagem do espaço (físico — com a espacialização dos músicos; e do trabalho do “espaço” na narrativa musical).

A estrutura de *Music for Percussion* oscila, então, entre “Gestos” e “Texturas”, com a excepção de um Coral que funciona como pilar central e espelho reflector da obra. Este Coral é inspirado no trabalho harmónico de Carlo Gesualdo da Venosa e é todo escrito para gongos, vibrafone e *bell plates* (salvo certos apontamentos); no entanto, a harmonia desenvolve-se em extremo *slow-motion*, obrigando os músicos a um imenso esforço, cuidado e rigor entre accionar notas e cortar ressonâncias numa corrida contra o belo e o frágil.

JOÃO CARLOS PINTO

Cândido Lima

VIANA DO CASTELO, 1939

HOQUETUS — tambores de Maio celebra a vida após dois meses de compressão, de silêncio e de expectativa, entre os meses de Março e Maio do ano de 2020, evocando amigos, emoções e afectos presentes na vida do compositor durante estes três meses onde, em Maio, tambores anunciavam, ao longe, como metáfora musical, o aparecimento de um oásis, paisagem real ou miragem.

HOQUETUS (que significa “solução”, não choro!), técnica medieval de composição (interrupção abrupta de frase e de passagens de voz para voz) definiu, por um lado, processos internos rítmicos, entre outros processos; por outro lado, o subtítulo “tambores de Maio” apela ao simbolismo do “tempo que passa” e à expressão teatral, por música, de um coral de percussões a 21 vozes, para celebrar a vida após dois meses de solidão e de silêncio.

A obra é dedicada a Diana Ferreira — Arte no Tempo que, em 2019, encomendou ao compositor uma obra para septeto de percussão. A sua realização aconteceu em plena pandemia e, assim, é uma homenagem e memória a todos quantos rodearam de solidariedade e cumplicidade a comunidade entre vizinhos, família, amigos e interlocutores à distância (lembrando familiares que partiram a salvo da pandemia, durante os meses de Março, Abril e Maio de 2020 (e de 2021...)). A obra é dirigida a todos eles e a todas elas, mas também ao ouvinte anónimo de povos e culturas. É uma música clara, aberta, imediata, exuberante, invasora de espaços como oásis sonoros, em jeito de celebração em tempos de dramas e tragédias de milhões de almas. Além das técnicas de escrita gramatical, o movimento virtual e real dos instrumentos no espaço é de particular importância nesta obra, que foi concebida

e escrita como um puzzle, como se estes grupos tivessem nascido à margem uns dos outros, coordenados apenas pelo cérebro do compositor, o único que conhece a obra no seu conjunto (os músicos vêm de 7 regiões distantes do país!). Por isso, os instrumentistas podem executar a obra autonomamente, usando tecnologias ou meios mais comuns, como o cronómetro (do telemóvel, por exemplo...), mas se houver maestro disponível, serão dirigidos como uma orquestra. Não existe partitura, senão como exercício posterior à escrita dos grupos. O compositor chama-lhe partitura GESTALT (forma), pela relação que há entre o todo e as partes... (o compositor escreveu a partitura depois de ter escrito a obra!...)

Além do regresso a memórias musicais medievais, de clássicos e de modernos, a obra evoca, durante alguns momentos, lembranças de ritmos africanos que o compositor transcreveu, ao vivo, na ilha de Bolama, em tempos de guerra colonial, ao ar livre, no Centro de Instrução Militar (CIM). Eram três percussionistas que o compositor convidou, vindos das tabancas (o cachet foram produtos de consumo tradicional do dia a dia daquelas populações oferecidos pelo exército). Homenagem também a eles e às amorosas gentes daquela terra africana.

CÂNDIDO LIMA

Em resposta à necessidade de documentar a música de câmara que tem vindo a ser criada no âmbito do Festival Itinerante de Percussão, por um lado, e de estreitar as três obras compostas para o 3.º FIP, cuja apresentação pública foi cancelada em virtude da deteção de um caso de infeção com SARS-CoV2, em 2023 realizamos uma edição especial deste festival que congrega percussionistas de todo o país em torno da criação de música de câmara.

Nesta edição, a protagonista continua a ser a própria música, mas quem lhe dá vida serão apenas os profissionais responsáveis pela formação das novas gerações de percussionistas em Portugal. Sem masterclasses ou recitais de solistas, este FIP especial centra-se na criação dos septetos, com um concerto em que serão escutadas quatro obras de representantes de diferentes gerações.

O FIP é um evento da Arte no Tempo, estrutura financiada pela República Portuguesa — Cultura / Direcção Geral das Artes.

FIP.ARTENOTEMPO.PT

Criado em 2018, o Festival Itinerante de Percussão (FIP) surge com a missão de congregar percussionistas de todo o país, contrariando qualquer ideia de rivalidade entre escolas. Ao longo de três dias e meio, três jovens percussionistas oriundos de cada uma das sete escolas superiores reúnem-se em septetos, para preparar uma nova obra, composta por um(a) compositor(a) português(a), cuja estreia decorre no evento de encerramento do festival.

Dirigido por Mário Teixeira e Diana Ferreira, o FIP é um projeto da Arte no Tempo que conta com a colaboração da Academia Nacional Superior de Orquestra, Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco, Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Instituto Politécnico do Porto, Escola Superior de Música de Lisboa do Instituto Politécnico de Lisboa, Universidade de Aveiro, Universidade de Évora e Universidade do Minho.

Biografias dos músicos e compositores em www.artenotempo.pt